

Conselho Editorial
Ataliba Teixeira de Castilho
Felipe Pena
Jorge Grespan
José Luiz Fiorin
Magda Soares
Pedro Paulo Funari
Rosângela Doin de Almeida



Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia
sem a autorização escrita da editora.
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.

A Editora não é responsável pelo conteúdo da Obra,
com o qual não necessariamente concorda. O Autor conhece os fatos narrados,
pelos quais é responsável, assim como se responsabiliza pelos juízos emitidos.

Consulte nosso catálogo completo e últimos lançamentos em www.editoracontexto.com.br.

Sheila Regalado
08/2017

TEUN A. VAN DIJK

DISCURSO E CONTEXTO

Uma abordagem sociocognitiva

Tradução de
Rodolfo Ilari

Revisão técnica
Viviane Ramalho



editoracontexto

Copyright © 2011 do Autor

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Contexto (Editora Pinsky Ltda.)

Foto de capa
Jaime Pinsky

Montagem de capa e diagramação
Gustavo S. Vilas Boas

Preparação de textos
Lilian Aquino

Revisão
Daniela Marini Iwamoto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Dijk, Teun A. van
Discurso e contexto : uma abordagem sociocognitiva / Teun A. van
Dijk; tradutor Rodolfo Ilari. – São Paulo : Contexto, 2012.

Título original: Discourse and context : a sociocognitive approach.
Bibliografia.
ISBN 978-85-7244-693-8

1. Análise do discurso – Aspectos sociais 2. Cognição
3. Comunicação – Aspectos sociais 4. Contexto (Linguística) I. Título.

11-13844 CDD-401.41

Índice para catálogo sistemático:
1. Análise do discurso : Comunicação : Linguagem 401.41

2012

EDITORA CONTEXTO
Diretor editorial: *Jaime Pinsky*
Rua Dr. José Elias, 520 – Alto da Lapa
05083-030 – São Paulo – SP
PABX: (11) 3832 5838
contexto@editoracontexto.com.br
www.editoracontexto.com.br

SUMÁRIO

Prefácio	7
Rumo a uma teoria do contexto	15
Contexto e linguagem	51
Contexto e cognição	87
Contexto e discurso	159
Conclusões	299
Bibliografia	311
O autor	331
O tradutor	333

Deve-se ressaltar, mais uma vez, que essa súmula de problemas críticos da abordagem que a LSF faz do contexto  necessariamente uma generalização. Examinei um certo número de textos nucleares da LSF, em especial aqueles que tratam explicitamente de contexto, mas não o vasto número de outras publicações inspirado pela LSF. Isso significa que  possível que muitos outros autores tenham proposto alternativas para a definição da tripla 'campo', 'encaminhamento', 'modo', e suas relações com o rgistro e as funções da língua. Seja como for, minha conclusão geral a respeito dos estudos inspirados pela LSF  que as noções básicas, principalmente a tripla 'campo', 'encaminhamento', 'modo', em geral, foram sendo repetidas passivamente, sem muita investigação crítica.

Mas essa crítica também não significa que todo o trabalho feito sobre contexto na LSF  sem serventia. Com certeza,  preciso rever os fundamentos do conceito, a saber, o que constitui a estrutura relevante das situações sociais de eventos comunicativos, e  preciso abandonar a tripla terminológica irremediavelmente confusa do 'campo', 'encaminhamento' e 'modo'. Mas a principal questão de um tratamento do contexto, a saber, como as propriedades de uma situação social de interação ou comunicação estão relacionadas sistematicamente ¢ gramática ou a outras propriedades do discurso,  uma ¢rea fértil e produtiva da LSF.

Por exemplo, mais do que a maioria das demais abordagens da língua, a LSF pensou a respeito de gêneros discursivos, registro e outras maneiras pelas quais os contextos deixam suas marcas (ou são expressos) nas estruturas do uso da língua. Embora cognitivamente agnóstica, ou mesmo antimentalista, a abordagem sistmica da LSF proporcionou análises válidas de algumas das sistmicas relevantes que podem ser integradas numa teoria do contexto, sendo exemplos disso suas análises das ações sociais e das atividades dos agentes das situações sociais. Esses esquemas podem ser facilmente integrados num modelo mental de teoria do contexto, tal como os que se apresentam neste livro. Mesmo faltando um conceito de contexto mais atualizado, muito desse trabalho sistmico sobre a estrutura da língua e do discurso, e sobre as relações entre texto e contexto, continua relevante hoje.

CONTEXTO E COGNIÇÃO

Uma das principais teses deste livro  que os contextos não são um tipo de situação social objetiva, e sim construtos dos participantes, subjetivos embora socialmente fundamentados, a respeito das propriedades que para eles são relevantes em tal situação, isto , modelos mentais. O presente capítulo detalha essa proposta, elaborando uma teoria dos *modelos de contexto* como um tipo especial de modelos da experiência do dia a dia, representados na memória episódica dos participantes do discurso. Supõe-se que esses modelos de contexto controlam muitos aspectos da produção e compreensão de textos e falas. Isso significa que os usuários da língua não estão apenas envolvidos em processar o discurso; ao mesmo tempo, eles também estão engajados em construir dinamicamente sua análise e interpretação subjetiva on-line.

Existe uma vasta quantidade de trabalhos psicológicos sobre as propriedades do contexto e sobre o estudo do processamento do discurso (Graesser, Gernsbacher e Goldman, 2003). Todavia, até o momento, ainda não temos uma teoria cognitiva de conjunto do contexto como um tipo de modelo mental. A verdade  que a maioria dos trabalhos psicológicos que usam o termo 'contexto' tratam, *de fato*, daquilo que  conhecido como contexto verbal ou 'cotexto', isto , a parte de um discurso que constitui o entorno de outras partes (ver, por exemplo, Cook e Myers, 2004: 268-288). E nos textos em que  estudado o contexto *social* ou *comunicativo*, isso acontece costumeiramente em termos de uma ou mais variáveis independentes, ¢s vezes também resumidas pelo rótulo de 'diferenças individuais', que podem incluir tarefas, relevância ou objetivos específicos (como, por exemplo, em Perfetti, 1983: 137-161; Lehman

e Schraw, 2002: 738-750), idade (e.g., Miller, 2003: 217-223), gênero social (e.g., Rice, 2000: 211-236; Slotte, Lonka e Lindblom-Ylänne, 2001: 255-272), ou circunstâncias pessoais, por exemplo, na interpretação de perguntas com caráter de súmula (Schober e Conrad, 1997: 576-602). Um dos traços contextuais mais amplamente estudados na Psicologia da Linguagem é o conhecimento compartilhado, ou 'base comum' (Clark, 1996; ver a seguir).

Se usarmos o manual de Graesser, Gernsbacher e Goldman (2003) como exposição do estado da arte do processamento textual, precisaremos concluir que o contexto não é uma noção central no estudo do discurso, ou seja, que não é o tipo de modelo mental que controla a produção e compreensão. Na verdade, deixando de lado o longo capítulo de Grimshaw (Grimshaw, 2003: 25-82) sobre contexto, gêneros discursivos e registro (que tem pouco a ver com processamento de discurso, e trata de contexto apenas marginalmente), os outros capítulos não se referem ao contexto. Em outras palavras, embora o interesse pelo contexto possa ser muito difundido entre os psicólogos, e embora os projetos de experimentos comportem às vezes algumas variáveis contextuais independentes (como o gênero social ou a idade), a Psicologia do Discurso ainda está precisando desenvolver uma teoria cognitiva sistemática acerca do papel que o contexto exerce nesse processamento.

Ou seja, a pesquisa psicológica sobre o discurso não estuda o contexto como um fator de construção unificado ou em termos de representações dos participantes do contexto social, mas antes como características individuais inerentes (não controladas). E tampouco se tem explicado teoricamente por que e como tais traços contextuais são capazes de influenciar o processamento do discurso ou outras tarefas cognitivas, com a exceção talvez do papel do gênero social* no processamento do discurso (ver, por exemplo, Ferrell, 1999: 2960).

Configura-se, portanto, a situação paradoxal de que, ao mesmo tempo que existem, em Psicologia Cognitiva, muitos estudos dos 'efeitos-do-contexto', não existe nenhuma teoria abrangente do contexto como uma construção mental específica e de sua influência sobre a produção e compreensão do discurso. Como veremos mais detalhadamente a seguir, as teorias existentes relacionam as estruturas do discurso diretamente a representações subjacentes do texto

* N.T.: 'Gênero' é tradução normal das palavras inglesas 'gender' e 'genre', que remetem a dois conceitos totalmente diferentes embora igualmente importantes para este livro. Sempre que o contexto não pareceu capaz de desfazer a ambiguidade afastando o risco de uma leitura equivocada, traduzi 'gender' por 'gênero social' e 'genre' por 'gênero textual/discursivo'.

ou a modelos mentais ('modelos de situação' etc.) dos eventos ou situações às quais se faz referência, ou *acerca das quais se fala*, e não à situação *em que* os participantes estão falando. Ou seja, a teoria do modelo psicológico é semântica, não pragmática: não postula uma representação intermediária da situação comunicativa em termos de modelos mentais.

Note-se também que muitos estudos psicológicos que levam em conta traços isolados, como a idade, o gênero social, o conhecimento ou os objetivos, examinam aspectos mais gerais do *uso da língua* (por exemplo, a compreensão da sentença) e não as estruturas específicas do *discurso*, que é o foco especial deste capítulo e deste livro. Infelizmente não há espaço neste capítulo para resenhar a bibliografia psicológica sobre diferenças individuais da produção e compreensão da sentença.

Embora eu não pretenda apresentar uma teoria psicológica completa dos modelos de contexto e de seu papel no processamento do discurso, e embora eles precisem, sobretudo, ser testados empiricamente em detalhe, eles se propõem como representando uma interface mental plausível entre o discurso e as situações sociais. Além disso, a teoria que defendo é uma extensão necessária e coerente do atual estado da teoria do processamento textual: ela explica e unifica muitas suposições e muitos achados anteriores sobre processamento textual.

Modelos mentais

Se os contextos são algum tipo de modelo mental, precisamos, em primeiro lugar, resumir algumas das propriedades gerais dos modelos mentais. Depois das primeiras propostas de Kenneth Craik (1943) sobre os 'modelos em escala reduzida' do mundo, a teoria dos modelos mentais para o discurso e o uso da língua foi proposta de maneira independente no começo dos anos 1980 por Johnson-Laird (1983) e por Van Dijk e Kintsch (1983), embora em quadros teóricos bastante diferentes (ver também Gentner e Stevens, 1983; sobre os tratamentos atuais dos modelos mentais, ver Oakhill e Garnham, 1996; Van Oostendorp e Goldman, 1999; para uma resenha detalhada das pesquisas sobre modelos 'de situações', ver Zwaan e Radvansky, 1998).

Johnson-Laird (1983) postulou modelos mentais com o objetivo de resolver alguns problemas de inferência. Os usuários da língua, além de atuar com sequências lineares de proposições, precisam também ter alguma representação

'analógica' da realidade para derivar inferências aceitáveis de um texto. A noção de modelo mental de Johnson-Laird tem por isso mesmo uma estreita relação com a teoria dos modelos da Lógica, ou seja, com a Semântica Formal. Contudo, sua abordagem é uma correção psicológica importante dos tratamentos formais quando aplicados à compreensão do discurso.

Van Dijk e Kintsch (1983) também postularam uma teoria dos modelos mentais, chamada 'modelos de situação', com o objetivo de explicar como as pessoas compreendem o discurso, no âmbito de uma teoria mais geral do processamento do discurso mediante estratégias. As propostas sobre compreensão do discurso feitas até aquele momento limitavam-se a algum tipo de representação mental dos sentidos de textos locais e globais (sentidos referentes ao tema ou assunto).

MODELOS MENTAIS E COERÊNCIA DO DISCURSO

A teoria dos 'modelos de situações' conseguiu explicar um grande número de problemas que não tinha sido possível equacionar aplicando as abordagens cognitivas tradicionais à Semântica Cognitiva, tais como as condições de coerência e correferência local e global ou as lembranças erradas, as lembranças entre meios diferentes [*cross-media recalls*], as relações entre sentido e conhecimento, e assim por diante (para uma súmula das várias funções dos modelos mentais, ver Zwaan e Radvansky, 1998). A tese crucial de um modelo mental é que, além da representação do sentido de um texto, os usuários da língua também constroem modelos mentais dos eventos que são *assunto* desses textos, isto é, a situação que eles têm como denotação ou referência - daí o nome de 'modelos de situação' escolhido por Van Dijk e Kintsch (1983).

Desse modo, a Psicologia conseguiu pela primeira vez lidar com a noção fundamental de referência e correferência e explicar por que não é só o sentido, mas também a referência a 'fatos' relacionados, que constitui a base da noção crucial de coerência (Van Dijk, 1977). Nesse sentido, uma sequência de sentenças de um texto é coerente se os usuários da língua forem capazes de construir modelos mentais dos eventos ou fatos sobre os quais estão falando ou ouvindo, e se forem capazes de relacionar entre si os eventos ou fatos que estão nesses modelos, por exemplo por meio de relações de temporalidade ou causalidade.

De maneira mais geral e abstrata, essa definição de modelos mentais é coerente com as teorias formais do sentido e da interpretação. De acordo com essas duas perspectivas sobre a língua, podemos simplesmente dizer que um discurso é significativo (verdadeiro, falso) se ele tiver um modelo (para detalhes, vejam-se, por exemplo, Portner, 2005; Portner e Partee, 2002).

Nos tratamentos psicológicos, esses modelos são modelos mentais dos usuários da língua, e sua capacidade de serem significativos é definida relativamente aos modelos de falantes ou receptores. Aquilo que faz sentido para o falante, obviamente, pode não fazer sentido (ou pode não fazer sentido de todo) para o receptor: o falante e o receptor podem ter modelos que se superpõem, mas que são diferentes, ou seja, podem interpretar de maneiras diferentes o 'mesmo' discurso.

Em vez de tratamentos complexos e incompletos da coerência dos discursos em termos de relações de significado, como têm sido propostos nas abordagens do discurso inspiradas pela Semântica Estrutural, Funcional e Gerativa, os modelos mentais proporcionam um tratamento simples, elegante e poderoso da coerência local e global, bem como de muitos outros aspectos da compreensão e produção de discursos.

Incidentalmente, é importante distinguir essas formas de coerência semântica, baseadas em modelos mentais, dos modos como essa coerência pode (ou não pode) ser expressa ou sinalizada no texto ou na fala, por exemplo, por artigos definidos, pronomes e outras pró-formas, demonstrativos, advérbios, pela estruturação da sentença em tópico e comentário, e assim por diante. Essas manifestações na estrutura de superfície de uma coerência semântica subjacente são habitualmente chamadas de 'coesão' (Halliday e Hasan, 1976). É preciso ressaltar que os mecanismos coesivos não são manifestações nem necessárias nem suficientes da coerência semântica, motivo pelo qual a coesão gramatical não deve ser confundida com a coerência semântica - como acontece com bastante frequência.

A diferença das abordagens 'interpretativas' habituais da compreensão do discurso, os modelos mentais também proporcionam um 'ponto de partida' para a *produção* do discurso: se as pessoas representam as experiências e os eventos ou situações do dia a dia em modelos mentais subjetivos, esses modelos mentais formam ao mesmo tempo a base da construção das representações semânticas dos discursos sobre esses eventos, como é típico das histórias ou dos relatos de notícias do cotidiano.

Contudo, um elo crucial que falta nessa teoria dos modelos mentais do processamento do discurso é dar conta do papel do contexto, porque obvia-

mente nós narramos os mesmos acontecimentos (ou seja, o mesmo modelo mental desses eventos) de modo diferente conforme as diferentes situações ou gêneros comunicativos. Em outras palavras, os usuários da língua, além de falar sobre eventos, também precisam modelar a si próprios e a outros aspectos da situação comunicativa em que estão envolvidos no momento. Desse modo, os modelos de contextos se tornam a interface crucial entre os modelos mentais e os discursos sobre esses eventos.

OS MODELOS MENTAIS SÃO ÚNICOS, PESSOAIS E SUBJETIVOS...

Uma das muitas propriedades fundamentais dos modelos mentais é serem pessoalmente únicos e subjetivos. Eles não representam objetivamente os eventos de que fala o discurso, mas antes a maneira como os usuários da língua interpretam ou constroem cada um a seu modo esses eventos, por exemplo, em função de objetivos pessoais, conhecimentos ou experiências prévias – ou em função de outros aspectos do ‘contexto’, conforme a definição de contexto que daremos adiante.

Embora na maioria das formas de discurso entre membros de uma mesma comunidade os modelos mentais sejam suficientemente semelhantes para garantir o sucesso da comunicação, convém ressaltar que os modelos mentais incorporam necessariamente elementos pessoais que tornam únicas todas as produções e interpretações – e portanto tornam possível o mal-entendido – mesmo quando eles têm muitos elementos socialmente compartilhados. Vemos, portanto, que a compreensão do discurso envolve a construção, controlada pelo contexto, de modelos mentais baseados em inferências fundamentadas no conhecimento. (Como exemplo, veja-se, sobre o condicionamento da compreensão da narrativa pelos objetivos [*goal-dependent narrative comprehension*], entre outros trabalhos, Graesser, Singer e Trabasso, 1994: 371-395).

...MAS COM RESTRIÇÕES OBJETIVAS

Além de sofrerem o efeito de condicionamentos intersubjetivos e sociais importantes, os modelos mentais subjetivos podem também ser influenciados

por condicionamentos ‘objetivos’, como a percepção de propriedades físicas de coisas ou pessoas, ou de situações, como a organização espacial. Em suma, a subjetividade dos modelos mentais não implica que eles sejam totalmente subjetivos, da mesma forma que a unicidade de todo discurso individual não implica que esse discurso seja totalmente original. Na verdade, enquanto os trabalhos mais antigos sobre compreensão do discurso e formação de modelos mentais (subjetivos) tendiam a pressupor uma natureza preponderantemente subjetiva da compreensão e representação, há nos dias atuais desenvolvimentos que ressaltam a influência dos condicionamentos ‘objetivos’ sobre a estrutura dos objetos, pessoas, eventos e situações. No desenvolvimento de uma teoria dos contextos como modelos mentais, precisamos, portanto, investigar também como a percepção ou experiência das dimensões ‘objetivas’ das situações comunicativas (por exemplo, as dimensões espaciais) pode ter algum impacto sobre sua representação mental.

Portanto, uma das abordagens desse problema pode ser o paradigma de pesquisa da Análise Semântica Latente [*Latent Semantic Analysis*], desenvolvido especialmente para dar conta do sentido de palavras com base numa matriz de que faz parte o registro de suas frequências em conjuntos de discursos (Kintsch, 1998). Aplicada aos modelos mentais, essa abordagem envolveria estruturas situacionais derivadas de experiências acumuladas, um processo automático que parece mais relacionado a frequências ‘objetivas’ do que a uma abordagem ativa, construtiva e subjetiva dos modelos mentais.

Uma perspectiva semelhante está representada na ‘memória relacional’ de John Anderson, que define estratégias cognitivas em termos de ‘seleção ótima de dados’ [*optimal data selection*] e tem por base uma história do uso prévio de dados semelhantes (Anderson, 1990b).

Deve-se notar, porém, que esses tratamentos parecem mais relevantes para estruturas que recorrem com frequência, tais como as palavras ou os sentidos das palavras. Da Gramática Gerativa aprendemos que a maioria das sentenças (mais longas) são únicas, e isso é verdadeiro *a fortiori* para os discursos. Parece que não aprendemos a compreender e produzir estruturas discursivas complexas por meio de experiências acumuladas, mas antes pela derivação de regras e outros princípios. Por outro lado, os discursos e os modelos mentais são definidos por esquemas que se repetem frequentemente como tais, como parte de nossas experiências. As experiências acumuladas com as situações do dia a dia podem, portanto, levar a esquemas de modelos abstratos nos quais,

por exemplo, os Ambientes (Tempo, Lugar), os Participantes (em vários papéis e relações), bem como as Ações são categorias mais ou menos estáveis. Portanto, embora cada modelo mental de um texto ou situação seja único, por causa de circunstâncias e contingências da situação presente, sua estrutura abstrata pode ser definida 'objetivamente' pelas percepções acumuladas das pessoas.

OPINIÕES E EMOÇÕES

A natureza pessoal e subjetiva dos modelos mentais também explica por que os modelos mentais não se limitam a representar os-fatos-tais-como-os-participantes-os-veem, mas também opiniões e emoções. Ao ler sobre os acontecimentos do ataque ao World Trade Center no dia 11 de setembro de 2001, ou sobre a guerra que começou em 2003 no Iraque, não nos limitamos a construir nossa 'versão pessoal' desses acontecimentos com base em muitos artigos do noticiário, editoriais e conversas, mas também formamos crenças que valem por avaliações, ou seja, opiniões a respeito, possivelmente associadas com emoções como tristeza ou raiva (ver também Blanc, 2006; Ferstl, Rinck e Von Cramon, 2005: 724-739; Oatley e Johnson Laird, 1996: 363-393). Isso explicaria a descoberta interessante de que conseguimos lembrar melhor as experiências passadas se estivermos com a mesma 'disposição' com que estávamos quando da experiência original (Bower, 1980: 129-148).

AS EXPERIÊNCIAS COMO MODELOS MENTAIS

Os modelos mentais são representações cognitivas de nossas experiências. Num certo sentido, eles são as nossas experiências se assumirmos que experiências são interpretações pessoais daquilo que acontece conosco. Acredita-se que as experiências pessoais, e portanto os modelos que as representam, são armazenadas na Memória Episódica, que faz parte da Memória de Longo Termo (Tulving, 1983).

Nossa 'autobiografia' mental, a acumulação das experiências pessoais de nossa vida, é então uma coleção de modelos mentais. A grande maioria desses modelos ou experiências mentais são tão comuns e banais que, depois de algum tempo, não temos mais acesso a eles: eles não estão conectados

significativamente a (muitas) outras experiências, sendo, portanto, difíceis de recuperar no grande depósito que é nossa memória episódica. Poucas pessoas vão se lembrar depois de várias semanas (e menos ainda depois de um ano ou mais) o que compraram hoje no supermercado, o que leram no jornal de hoje, ou com quem se encontraram esta manhã. Em geral, depois de algum tempo, temos acesso somente a fatos marcantes e cruciais de nossa vida, a acontecimentos mais globais, tais como férias, uma viagem, nosso estudo nesta ou naquela universidade, morar numa determinada cidade ou experiências traumáticas como acidentes ou divórcios (King, 2000; Neisser e Fivush, 1994; Rubin, 1986, 1999; ver também Bruner, 2002; Schank, 1990, 1999). Isto é, sempre que for relevante, tendemos a construir unidades mais globais dessas memórias pessoais, como tendemos a derivar tópicos mais globais a partir dos detalhes de um texto: formamos modelos globais mais 'macro' a partir das seqüências de modelos 'micro' das experiências do dia a dia (Van Dijk, 1980).

Lembrar nossas experiências pessoais, da mesma forma que lembrar o que lemos nos jornais ou aquilo que dissemos a alguém, consiste, portanto, na busca e ativação de modelos mentais 'antigos'. Com exceção de alguns casos especiais, essa recuperação costuma ser difícil. É muito mais fácil explicar o que são férias típicas, ou onde gostamos de passar nossas férias, do que lembrar e dizer o que fizemos quando saímos de férias dez anos atrás. Em outras palavras, o conhecimento geral compartilhado socialmente (e o conhecimento pessoal de uso frequente) é mais facilmente recuperado do que a maior parte do conhecimento 'pessoal' sobre nosso próprio passado, ou seja, nossos próprios modelos mentais. Ainda assim, enquanto os estamos vivendo, e enquanto estamos produzindo ou compreendendo um discurso, os modelos são cruciais, porque incorporam o que significa para nós antecipar, planejar e compreender tanto os acontecimentos como os discursos.

Embora nem sempre formulada em termos de modelos mentais, a pesquisa recente da memória episódica fornece detalhes sobre muitas das suposições teóricas feitas anteriormente (ver os artigos reunidos em Baddeley, Conway e Aggleton, 2002). Além de corroborar a conhecida distinção entre uma memória 'episódica' e uma memória 'semântica', ambas partes da Memória de Longo Termo (*Long Term Memory* ou LTM), esses estudos mostram que há diferenças de base neurológica entre tipos diferentes de memória episódica. Por um lado, temos representações episódicas de curto termo de experiências recentes, das quais lembramos muitos detalhes, mas somente por algumas horas ou por um

dia. Essas 'memórias' no sentido estrito são obviamente úteis no monitoramento e na execução das tarefas que vão acontecendo no dia a dia. Por outro lado, temos uma memória autobiográfica ou 'conhecimento pessoal' de um tipo mais abstrato que pode continuar acessível por muito tempo ou mesmo por toda a vida. Por exemplo, a maioria das pessoas consegue confirmar imediatamente se já esteve em Paris, mesmo quando já não são acessíveis modelos detalhados de visitas concretas.

Veremos que essas pesquisas sobre memória episódica são diretamente relevantes para as experiências pessoais dos eventos comunicativos que chamamos contextos. Nesse sentido, posso ter uma lembrança viva dos detalhes (tempo, lugar, participantes, objetivos, assunto etc.) de uma conversa que tive esta manhã com um estudante, ou da leitura de um livro que fiz a noite passada, mas essas memórias concretas dificilmente são acessíveis muitas semanas, meses ou anos mais tarde, a não ser no caso de circunstâncias e acontecimentos dramáticos (sobre estes, eu tendo a contar histórias logo em seguida, reativando assim velhos modelos). Ao contrário, lembrarei mesmo depois de muitos anos que orientei estudantes de doutorado na universidade onde estou trabalhando ou que costumava ler o jornal *El País* todos os dias. Ou seja, informações generalizadas ou abstratas sobre modelos de contexto podem permanecer acessíveis por um tempo longo. Na verdade, muito desse conhecimento pessoal (episódico) está diretamente relacionado à informação presente na memória 'semântica', isto é, ao conhecimento compartilhado socioculturalmente, por exemplo, sobre as universidades e os estudantes de doutorado, por um lado, ou sobre jornais, por outro.

MODELOS MENTAIS E CONHECIMENTO SOCIAL, GERAL

Os modelos mentais pessoais presentes na Memória Episódica e o conhecimento geral ou abstrato presente na memória 'semântica' (prefiro o termo memória 'social' para distingui-la da memória pessoal, episódica, tal como foi definida) estão, evidentemente, relacionados. Se estamos lendo sobre o que acontece na Guerra do Iraque, por exemplo, vamos construindo ou atualizando um complexo modelo mental desse (complexo) acontecimento. Esse processo de construção, porém, faz um uso extenso do conhecimento geral, social, por exemplo, sobre soldados, armas e vítimas, e muitos outros aspectos da guerra.

memória
social ou

para
signo

Boa parte do trabalho da Ciência Cognitiva moderna, desde o estudo fundador de Bartlett (1932) sobre a organização esquemática da memória, tem centrado suas atenções na análise das estruturas do conhecimento geral, sociocultural. Por exemplo, em termos de *esquemas* ou *roteiros* [scripts] ou formas semelhantes de organização (Schank e Abelson, 1977). Embora esses formatos não sejam a mesma coisa que a organização típica de um evento, nos modelos mentais não é instanciada (especificada) apenas uma seleção de seus contextos relevantes (por exemplo, as características típicas de uma guerra), mas também algumas de suas *estruturas* (por exemplo, o conhecimento geral sobre as causas das guerras pode ser mapeado sobre uma história de como um ataque terrorista causou uma guerra). Por exemplo, os roteiros desempenham um papel fundamental na compreensão de histórias, porque essa compreensão de discursos, ações e eventos específicos pressupõe conhecimentos gerais a respeito de tais ações e eventos (da extensa bibliografia sobre a compreensão de histórias baseada em roteiros, veja-se, por exemplo, Mandler, 1984; veja-se também Bower, Black e Turner, 1979: 177-220).

A maior parte desse conhecimento compartilhado socioculturalmente não precisa ser explicitada – pela simples razão de que se supõe que já o conhecemos (veja-se adiante sobre as estratégias contextuais usadas no processamento do conhecimento durante a produção de discurso). Nesse sentido, os textos são muito incompletos ou implícitos. Seus autores pressupõem grandes quantidades de 'conhecimento do mundo', e os leitores constroem, assim, modelos mentais dos eventos sobre os quais estão lendo, ativando partes relevantes desse conhecimento, e então preenchem o modelo com a informação que está implicada ou pressuposta no texto. Boa parte da pesquisa atual sobre a compreensão do discurso em termos de modelos mentais trata do tipo de inferências baseadas em conhecimento feitas pelos usuários da língua, por exemplo, com o objetivo de tornar os discursos local e globalmente coerentes, e de construir modelos mentais viáveis para esses discursos.

O quanto de nosso conhecimento geral é assim ativado e incluído nos modelos mentais depende do contexto (ambiente, conhecimento do leitor, objetivos, interesses etc.), mas é possível supor sem risco de erro que as pessoas só são capazes de ativar e integrar pequenos fragmentos desse conhecimento nos poucos segundos que gastam para ler ou ouvir uma sentença ou um parágrafo. Na verdade, a maior parte do conhecimento detalhado que temos das coisas sobre as quais lemos ou ouvimos falar não é relevante para que compreendamos

Textos
durante

o texto, ou seja, para que possamos construir para o texto um modelo mental coerente (para detalhes sobre a relação entre modelos mentais e conhecimento geral compartilhado socioculturalmente, ver, entre outros, Graesser e Bower, 1990; Graesser, Gernsbacher e Goldman, 2003; Oakhill e Garnham, 1996; Van Dijk e Kintsch, 1983; Van Oostendorp e Goldman, 1999).

Os modelos mentais e o conhecimento estão relacionados também no outro sentido: boa parte do aprendizado que fazemos no dia a dia baseia-se em nossas experiências pessoais. Em outras palavras, o conhecimento geral pode ser derivado de modelos mentais, por exemplo por abstração, generalização e contextualização (Baudet e Denhière, 1991: 155-187). Se lemos regularmente nos jornais matérias sobre ataques terroristas ou guerras, pouco a pouco aprendemos sobre tais ataques ou sobre guerras em geral. Embora no ensino formal, e também através do discurso dos nossos pais, possamos também aprender muitas coisas abstratas ou gerais de maneira direta (tipicamente em textos e falas de caráter expositivo), em geral, o aprendizado a partir de experiências pessoais acontece por generalização e abstração a partir de modelos mentais.

Essas poucas observações sobre as relações entre modelos mentais pessoais e conhecimento social geral mostram que precisaríamos distinguir diferentes tipos de conhecimento. Na verdade, se assistimos a um acidente, ou lemos sobre um acontecimento político num jornal, adquirimos um 'conhecimento' específico e subjetivo sobre esses acontecimentos, e esse conhecimento específico está aparentemente relacionado ao conhecimento geral sobre acontecimentos semelhantes.

A noção de 'conhecimento do mundo', que tem sido usada com frequência e com sentido vago em Linguística, Psicologia e outras disciplinas, precisa ser tornada mais exata. Mais precisamente, no interior de uma teoria multidisciplinar do conhecimento, necessitamos de uma tipologia *explicita* do conhecimento (Van Dijk, 2003: 93-129, 2004: 339-372). As diferenças entre conhecimento 'específico', 'pessoal', 'geral', abstrato, 'imaginário', 'social' e 'cultural' são apenas algumas das diferentes alternativas dessa tipologia mais ampla. Veremos que o conhecimento também desempenha um importante papel nos modelos de contextos. Na realidade, assumiremos que uma tarefa fundamental dos modelos de contextos consiste em gerenciar o conhecimento na produção e compreensão do discurso, exigindo dos usuários da língua que 'calculem' estrategicamente o tanto de conhecimento que deve ser pressuposto (e, portanto, não assertado) num discurso.

ESQUEMAS DE MODELOS

Por ora, temos somente uma compreensão fragmentária [*fragmentary insight*] sobre o que é a estrutura interna dos modelos mentais enquanto representações na memória episódica. É possível que os modelos mentais para situações, acontecimentos, ações e processos sejam bem diferentes entre si; que haja diferenças culturais e mesmo pessoais na maneira como os indivíduos representam suas interpretações dos acontecimentos ou seus planos para ações futuras. Apesar dessas possíveis variações, pode-se, contudo, assumir que a estrutura dos modelos mentais não é arbitraria. Como no caso da memória em geral, os modelos mentais são provavelmente organizados por um número limitado de categorias fixas, que compõem uma forma abstrata ou 'esquema', um *esquema de modelo*.

Como estamos dia após dia envolvidos em muitas experiências ou acontecimentos (ou os vemos acontecer, ou ouvimos e lemos sobre eles), é muito improvável que precisemos conceber modelos mentais inteiramente novos em cada situação. Somos provavelmente capazes de compreender a maioria dos eventos em termos das categorias de um esquema de modelo previamente aprendidas, e assim processar a informação relevante tão rapidamente quanto é necessário, muitas vezes em segundos ou frações de segundos. Naturalmente, isso também significa que sabemos definir 'relevância', por exemplo, em termos de critérios de seleção específicos para a percepção/atenção ou para continuar o processamento.

Em sua retrospectiva da bibliografia sobre 'modelos de situação', Zwaan e Radvansky (1998) chamam a atenção para a multidimensionalidade dos modelos e enfocam especificamente as cinco 'dimensões' seguintes das situações: tempo, espaço, causação, intencionalidade e protagonista. Eu gostaria de sugerir, contudo, que, como há coisas que não se identificam com o Ambiente espaçotemporal e com os Protagonistas, precisamos de Eventos (e de suas relações, uma das quais é a causação) e/ou Ações, que por sua vez requerem uma análise em termos de intenções: Intenção e Causação não são, como tais, categorias independentes dos eventos ou situações; elas se tornam relevantes quando os leitores querem compreender e explicar as ações ou eventos. Obviamente, nos modelos mentais dos eventos naturais a categoria da Intenção não vai estar representada.

Dado que a grande maioria dos experimentos sobre a compreensão do discurso usa histórias como material, boa parte da bibliografia experimental

sobre modelos de situações ou de eventos trata do papel que cabe à causação no modelamento de situações quando compreendemos o discurso. Isso mostra que, além de teoria, precisamos de evidências empíricas sobre a 'segmentação' [parsing] correta da maneira como as pessoas compreendem as situações e o discurso sobre essas situações, e então, mais especificamente, constroem ou compreendem as situações comunicativas. Mais adiante, e nos capítulos de *Society in Discourse*, eu me concentro nessas e em outras categorias ou dimensões dos modelos de contextos.

Chegados a este ponto, convém ressaltar que nossa análise da organização interna dos modelos mentais se enquadra em esquemas e suas categorias, e não em estruturas de redes, conexões e força dessas conexões – uma representação que poderia estar mais próxima da base neurológica dos modelos mentais, mas sobre a qual eu não tenho nada a dizer aqui (veja-se a bibliografia sobre processamento conexionista – paralelamente distribuído – por exemplo, em Golden e Rumelhart, 1993: 203-237; veja-se também as contribuições reunidas em Van Oostendorp e Goldman, 1999).

Também é possível que essas categorias da situação acabem aparecendo no modo como escrevemos ou falamos a respeito de experiências pessoais e outros acontecimentos, por exemplo, na 'estrutura de casos' do significado das sentenças (Fillmore, 1968: 1-88) ou nos significados das histórias pessoais (Labov e Waletzky, 1967: 12-44). Assim encontramos com frequência categorias como o Tempo, o Lugar, e os Participantes em vários papéis na Ação ou no Estado de coisas, e assim por diante, como também acontece na estrutura semântica das proposições. Um esquema com essas categorias aplica-se a muitos eventos ou experiências, se formos capazes de adaptá-lo estrategicamente à multidão de variantes que os acontecimentos podem ter. No outro sentido, um esquema como esse também nos permite buscar, encontrar e ativar modelos antigos com mais eficiência e fazer abstrações a partir dos modelos numa ou mais categorias (como a dos eventos que acontecem num certo período, num certo lugar, ou com uma certa pessoa, ou que pertencem a uma ação ou evento mais geral, e assim por diante).

Essas abstrações são cruciais também para a organização da memória episódica, e portanto para todas as formas de recordação [recall]. Assim, dada uma estrutura com essas características para os modelos mentais, podemos vasculhar nossas experiências de ontem, nossas férias num país específico ou nossas interações recentes com um amigo chegado, e recordar seletivamente

outras experiências ruins quando estamos deprimidos ou experiências boas quando estamos otimistas.

Essa organização de nossa memória episódica também desempenha um papel no processo de fazer lembrar – as recordações que são disparadas quando lemos acerca de um acontecimento (Schank, 1999). Ou seja, os esquemas de modelos são úteis não só para organizar nossas experiências do dia a dia, compreender o discurso ou contar histórias, mas também para os momentos em que precisamos buscar e recuperar nossas 'memórias pessoais', isto é, modelos mentais 'velhos'.

A MODELAGEM DA VIDA DE TODOS OS DIAS

Assumimos anteriormente que não é apenas o modo como interpretamos ou planejamos o discurso que está representado nos modelos mentais, mas também, e de maneira mais geral, todas as nossas experiências pessoais, na medida em que estão representadas na memória episódica. Podemos dar, agora, mais um passo fundamental nessa linha de reflexão, assumindo que nossa vida diária, como uma sequência de experiências vividas, é uma complexa estrutura de modelos mentais, que podemos chamar simplesmente de modelos da experiência (ou modelos experienciais). Essa estrutura complexa de nossa vida diária pode ser organizada de muitas maneiras, mas parece plausível que essas experiências pessoais sejam estruturadas por categorias experienciais como o tempo (períodos), os lugares (por exemplo, as cidades em que vivemos), os participantes (por exemplo, as pessoas com quem vivemos ou trabalhamos), a causalidade (causas, condições, consequências), o nível (micro e macro eventos), a saliência (o que é mais ou menos importante) e a relevância (o que é mais útil em nossas vidas diárias), entre outras dimensões.

Há, porém, outro aspecto fundamental do qual é preciso tratar. As experiências de nossas vidas são contínuas, sempre que estamos conscientes: desde o momento em que nos levantamos pela manhã até que adormecemos (ou ficamos inconscientes) estamos envolvidos numa sequência longa e contínua de acontecimentos em pleno andamento. Essa sequência *contínua* é, porém, interpretada como uma sequência de experiências *discretas*, que nós podemos lembrar e relacionar como unidades mais ou menos separadas (Newtson e Engquist, 1976: 436-450; Zacks, Tversky e Iyer, 2001).

Os modelos mentais são, mais uma vez, os candidatos teóricos ideais para essas representações discretas de experiências de outro modo contínuas. Assim, um retalho de atividade pode ser interpretado e representado como “Estou tomando meu café da manhã” e outro “Estou voltando para casa do trabalho” ou, num nível mais global, “Estou passando férias no México”. Termos consciência de nós mesmos, do que estamos fazendo, observando ou vivenciando significa – entre outras coisas – que estamos construindo e atualizando modelos mentais que interpretam, representam e guardam tais experiências.

Note-se, porém, que embora grande parte da bibliografia psicológica clássica sobre esquemas sugira que interpretemos as sequências de eventos ‘de cima para baixo’ [*top-down*] em termos de esquemas preestabelecidos, há também muito processamento que se faz ‘de baixo para cima’ [*bottom-up*] (Kintsch, 1998), por exemplo, com base nas percepções das propriedades do movimento de ‘nível baixo’, como sendo essencialmente ‘explosões’ de mudança [*bursts* of change] (Martin, Tversky e Lang, 2006). A pesquisa recente que usa técnicas de neuroimagem para monitorar a atividade do cérebro durante a compreensão da narrativa mostra que há uma explosão de atividade cerebral quando novos acontecimentos (ou novos modelos) estão sendo formados durante a compreensão (Speer, Zacks e Reynolds, 2006).

Embora não nos permita identificar o ‘conteúdo’ cognitivo exato dessa atividade neural, essa técnica parece confirmar que a compreensão da narrativa se baseia em algum tipo de ‘segmentação’ ou na construção de algum tipo de unidades (novas), possivelmente do mesmo tipo que os acontecimentos. Falando em termos estritos, estes não são unidades narrativas, como as orações, as frases e as sentenças, nem categorias narrativas como a Complicação e a Resolução, mas unidades semânticas ou cognitivas subjacentes da representação do evento ou da estrutura de modelo. O mesmo método pode ser aplicado também no monitoramento de modelos de contextos dinâmicos e suas sucessivas mudanças, afetando, por exemplo, o ambiente, os participantes, os papéis, objetivos ou intenções, durante a participação numa situação comunicativa.

Ou seja, embora o conhecimento sobre as intenções (como modelos mentais esquemáticos da ação) tenha um papel na compreensão da ação, especialmente nas ações às quais estamos acostumados, os traços perceptuais do comportamento também podem ser usados para compreender a ação. Esse e outros aspectos do processamento, contudo, precisam ser examinados nas suposições de processamento mais específicas para a execução das estratégias

de construção do contexto. Nesse estágio, é crucial que os modelos mentais da vida cotidiana contenham as categorias Intenção e Objetivo (ou Propósito), que definem e executam comportamentos planejados e observados como fazendo sentido, isto é, antes de mais nada como ação (ou ações). Devo voltar a essa noção de ‘intenção’ posteriormente, porque ela também é crucial para os modelos de contextos.

SITUAÇÕES COTIDIANAS, EXPERIÊNCIAS E ROTINAS

Embora, rigorosamente falando, todas as situações cotidianas, assim como suas interpretações nos modelos de experiência, sejam únicas (senão por outro motivo, pelo parâmetro temporal único de seus ambientes), muitas dessas situações são tão parecidas entre si que se tornam rotinas. Portanto, a despeito da unicidade e variação nos eventos e ações em nossa vida cotidiana, as rotinas proporcionam a ordem necessária nessas experiências, dispensando-nos de dar atenção aquilo que entendemos e fazemos a cada momento com todos os nossos recursos mentais e permitindo que coloquemos o foco de nossa atenção naquilo que é realmente novo, interessante ou relevante. Na verdade, a maioria das pessoas estão envolvidas grande parte do tempo em situações que já ‘viveram’ muitas vezes antes: conforme as diferentes culturas e condições sociais, isso pode envolver rotinas diárias como, por exemplo, levantar-se pela manhã, cuidar da higiene matinal (lavar-se etc.), vestir-se, comer algo (café da manhã), ir para o trabalho ou trabalhar em casa, empenhar-se numa sequência de rotinas laborais, voltar para casa, comer, ter algum lazer e voltar para a cama.

Uma rotina pode ser definida cognitivamente como um modelo de experiência em que a estrutura esquemática é mais ou menos fixa, o mesmo acontecendo com os ‘conteúdos’: mesma localização, mesmos participantes (ou papéis) mesma ação, mesmos objetivos. Uma rotina é experienciada como “fazer repetidamente a mesma coisa” em vários momentos do dia ou em intervalos regulares, todo dia, toda semana etc. As rotinas são generalizações ou abstrações a partir de modelos de experiência específicos e, como são pessoais, também podem ser armazenadas na memória episódica.

Contudo, como muitas rotinas são compartilhadas por muitas outras pessoas na mesma cultura, grandes segmentos desses ‘modelos de experiência gerais’ tornaram-se parte do conhecimento sociocultural, na forma de ‘rotei-

ros' (Schank e Abelson, 1977). Esse conhecimento pode ser pressuposto na interação e fala cotidianas e, de fato, por se tratar de experiências rotineiras, não se torna quase nunca o objeto de narrativas, mas somente o pano de fundo para complicações especiais e interessantes. E como conhecimento socioculturalmente compartilhado, ele também é uma condição normal para a interação: não só *nós mesmos* fazemos o que normalmente fazemos nessas situações, mas também temos a expectativa de que *os outros* façam o mesmo, o que facilita a interação.

Como é o caso de conhecimento sociocultural geral, as rotinas podem ser ativadas e aplicadas na produção ou interpretação de experiências novas ou para resolver complicações ou 'encrencas' à medida que aparecem. E como são em grande medida 'pré-fabricadas' e rapidamente ativadas, o processamento das experiências rotineiras pode ser altamente automatizado: precisamos somente de um controle e de um automonitoramento marginal para executá-las. O *problem solving* do dia a dia diz respeito, portanto, àquelas rotinas em que algum elemento não bate com os esquemas das rotinas pessoais ou sociais, como quando alguém dorme além da hora pela manhã, ou o chuveiro não funciona ou não há nada para comer, ou a pessoa perdeu o emprego, ou a estrada que leva ao trabalho está bloqueada, e assim por diante.

Muitas das experiências comunicativas pelas quais passamos no dia a dia são também rotinas: com frequência, e mesmo diariamente, falamos com as mesmas pessoas (o parceiro ou a parceira, crianças, amigos, colegas, balconistas etc.) e nos envolvemos nos mesmos gêneros textuais, que exigem condições comunicativas semelhantes, tais como conversas informais em casa ou no trabalho, contatos para atendimento em lojas, e vários tipos de encontros profissionais no trabalho (ver também Pickering e Garrod, 2005). Ao passo que cabe à Sociologia da Vida Cotidiana enumerar os pormenores dessas experiências diárias e desses eventos comunicativos, uma abordagem cognitiva precisará detalhar como os modelos de contexto podem ser generalizados ou abstraídos de modo a formar *contextos de rotinas*. Assim, dia após dia, encarando os mesmos objetivos comunicativos e as mesmas condições comunicativas, as pessoas ativam os mesmos contextos de rotina, que lhes permitem dar atenção àquilo que é único, importante e relevante no momento, como conteúdos únicos, uma história interessante, um pedido específico ou aquilo que é problemático ou perturbador no evento comunicativo: mal-entendidos, conflitos de interesses e objetivos, e assim por diante.

de outros

OS MODELOS DA EXPERIÊNCIA SÃO DINÂMICOS

Como os acontecimentos da vida de todos os dias são algo que acontece 'continuadamente', seus modelos mentais precisam ser representações dinâmicas, e não representações meramente estáticas: o tempo, o lugar, as pessoas, as relações entre pessoas, bem como suas propriedades e ações, estão constantemente mudando durante a experiência. Por exemplo, durante minhas férias mexicanas, eu atualizo constantemente meu modelo mental pessoal que representa globalmente minhas experiências das férias.

DE SI PARA SI

As experiências pessoais são tipicamente caracterizadas por algum tipo de representação que o indivíduo tem de si mesmo: são minhas experiências pessoais únicas, mesmo quando eu as compartilho parcialmente com outros. Por isso parece plausível que a categoria central do esquema que organiza esses modelos seja uma categoria relativa a si mesmo. Mas a noção de "si mesmo" é hoje uma das noções mais complexas da Ciência Cognitiva, relacionada à autoconsciência, ao reconhecimento de algo como parte do corpo [embodiedness], à autorrepresentação, à subjetividade e consciência, além de nossas experiências pessoais armazenadas na memória (Conway, Singer e Tagini, 2004: 491-529; Metzinger, 2003). Portanto, como participante central das experiências representadas na memória episódica, em cuja perspectiva esses eventos são experienciados para começo de conversa, posso derivar gradualmente uma representação mais geral e abstrata de mim mesmo, uma 'identidade', por exemplo, na forma de um autoesquema (Barclay e Subramaniam, 1987: 169-182; Markus, 1977: 63-78).

Essa identidade é também uma realização interativa, porque os coparticipantes proporcionam, de maneiras explícitas e implícitas, sucessivas definições e avaliações de 'si mesmos' durante a conversação e outros discursos. Como acontece com outros conhecimentos gerais, também este Eu-mesmo geral e abstrato pode ser instanciado ou 're-aplicado' em novas experiências. O mesmo vale para os diferentes papéis associados com o Eu-mesmo, como o fato de eu ser um homem, um professor, um holandês etc. Obviamente, o Eu-mesmo instanciado que vai representando os eventos em que participa nem sempre é o mesmo, e não é estático.

Todavia, ainda que o Eu-mesmo possa ser associado a muitas identidades-por-papéis, e mesmo que os Eu-mesmos instanciados possam ser tão dinâmicos

elegante subproduto: os contextos são um tipo especial de modelo mental da experiência cotidiana, tal como acaba de ser definida. Não há nada de estranho ou constitutivo em definir os contextos como modelos mentais, porque os eventos comunicativos e as interações discursivas são formas da experiência cotidiana como quaisquer outras. Ou seja, a maneira como experienciamos, constituímos, definimos ou interpretamos o que está acontecendo enquanto estamos participando de um evento comunicativo não é fundamentalmente diferente do modo como fazemos tudo para outros eventos. A única característica diferente dos modelos de contextos é que eles representam a comunicação ou interação verbal. E que, da mesma forma que os modelos gerais de experiência ou interação organizam o modo como adaptamos nossas ações à situação social ou ao entorno, os modelos de contexto organizam os modos como nosso discurso é estruturado e adaptado estrategicamente à situação comunicativa global.

Os modelos de contexto têm as propriedades de outros modelos da experiência cotidiana, tais como os descrevemos anteriormente. A saber:

- ficam armazenados na memória episódica;
- são pessoais, únicos e subjetivos;
- baseiam-se em (ou instanciam) conhecimentos socioculturais e outras crenças compartilhadas socialmente;
- podem comportar opiniões e emoções sobre o evento que está ocorrendo ou sobre suas ações e participantes;
- representam eventos (comunicativos) específicos;
- se forem interessantes, podem servir de base a discursos futuros: podemos contar histórias a respeito de nossas experiências comunicativas passadas;
- são dinâmicos e vão sendo continuamente atualizados durante a interação, a fala/escrita, a audição/leitura ou a comunicação;
- controlam a (inter)ação verbal em andamento e a adaptam a seu entorno social;
- são formados ou atualizados por uma interpretação estratégica dos eventos, bem como pela instanciação de conhecimentos gerais, compartilhados socialmente, desses mesmos eventos;
- podem ser base para generalização, abstração e descontextualização na formação de conhecimentos mais gerais sobre discurso

quanto os modelos de que participam (os detalhes de minha autorrepresentação em uma interação podem mudar continuamente), existe também alguma forma de ser o mesmo, de manter-se estável ou de continuar que facilita às pessoas terem a experiência de que essas variadas identidades são constitutivas de (e corporificadas em) uma só pessoa, e são mais ou menos permanentes ao longo do tempo e dos acontecimentos, isto é, constituem uma 'constante' com um nome específico.

Quando essa integridade do Eu-mesmo falha, podem ocorrer desordens mentais, como nos casos da esquizofrenia, da patologia da personalidade múltipla e de outras patologias relacionadas. Note-se que foi descoberto que as pessoas podem perder a maior parte de suas memórias episódicas, e portanto seus modelos de experiência, mas continuar sabendo quem são em termos gerais, mesmo quando seu conhecimento geral na memória 'semântica' também foi afetado. Isso sugere que pelo menos uma forma de Eu-mesmo 'mínimo' está profundamente inserida em nossa cognição e em nosso cérebro, resistindo até mesmo a danos cerebrais de grandes proporções (para detalhes, ver, por exemplo, Damasio, 2000; Gallagher, 2000; 15-21; Gallagher e Shear, 1999; Metzinger, 2003; Tulving, 2002: 1-25).

Embora muito sucinto, este resumo das propriedades do Eu-mesmo permite concluir que esse Eu-mesmo deve ter um papel central na autorrepresentação das situações comunicativas pelos participantes, isto é, nos modelos de contexto. De fato, é de notar que muitas formas de Eu-mesmo têm sido definidas explicitamente em termos linguísticos, e mais exatamente ainda em termos do uso da expressão dêitica singular de primeira pessoa 'Eu' como autorreferencial ao falante e, portanto, ao Eu-mesmo do ato comunicativo que está sendo realizado. O mesmo vale para a relação entre o Eu-mesmo, as experiências pessoais e a narrativa (para detalhes, ver Society in Discourse). Finalmente, o Eu-mesmo também desempenha um papel fundamental em todas as formas de reflexividade discursiva e interacional, nas expressões dêiticas e assim por diante, como veremos no próximo capítulo.

Os contextos como modelos mentais

No quadro mais amplo desta teoria dos modelos mentais de eventos e experiências pessoais, a teoria cognitiva dos contextos aparece como um

quanto os modelos de que participam (os detalhes de minha autorrepresentação em uma interação podem mudar continuamente), existe também alguma forma de ser o mesmo, de manter-se estável ou de continuar que faculta às pessoas terem a experiência de que essas variadas identidades são constitutivas de (e corporificadas em) uma só pessoa, e são mais ou menos permanentes ao longo do tempo e dos acontecimentos, isto é, constituem uma 'constante' com um nome específico.

Quando essa integridade do Eu-mesmo falha, podem ocorrer desordens mentais, como nos casos da esquizofrenia, da patologia da personalidade múltipla e de outras patologias relacionadas. Note-se que foi descoberto que as pessoas podem perder a maior parte de suas memórias episódicas, e portanto seus modelos de experiência, mas continuar sabendo quem são em termos gerais, mesmo quando seu conhecimento geral na memória 'semântica' também foi afetado. Isso sugere que pelo menos uma forma de Eu-mesmo 'mínimo' está profundamente inserida em nossa cognição e em nosso cérebro, resistindo até mesmo a danos cerebrais de grandes proporções (para detalhes, ver, por exemplo, Damasio, 2000; Gallagher, 2000: 15-21; Gallagher e Shear, 1999; Metzinger, 2003; Tulving, 2002: 1-25).

Embora muito sucinto, este resumo das propriedades do Eu-mesmo permite concluir que esse Eu-mesmo deve ter um papel central na autorrepresentação das situações comunicativas pelos participantes, isto é, nos modelos de contexto. De fato, é de notar que muitas formas de Eu-mesmo têm sido definidas explicitamente em termos linguísticos, e mais exatamente ainda em termos do uso da expressão dêitica singular de primeira pessoa 'Eu' como autorreferencial ao falante e, portanto, ao Eu-mesmo do ato comunicativo que está sendo realizado. O mesmo vale para a relação entre o Eu-mesmo, as experiências pessoais e a narrativa (para detalhes, ver *Society in Discourse*). Finalmente, o Eu-mesmo também desempenha um papel fundamental em todas as formas de reflexividade discursiva e interacional, nas expressões dêiticas e assim por diante, como veremos no próximo capítulo.

Os contextos como modelos mentais

No quadro mais amplo desta teoria dos modelos mentais de eventos e experiências pessoais, a teoria cognitiva dos contextos aparece como um

elegante subproduto: os contextos são um tipo especial de modelo mental da experiência cotidiana, tal como acaba de ser definida. Não há nada de estranho ou contraintuitivo em definir os contextos como modelos mentais, porque os eventos comunicativos e as interações discursivas são formas da experiência cotidiana como quaisquer outras. Ou seja, a maneira como experienciamos, construímos, definimos ou interpretamos o que está acontecendo enquanto estamos participando de um evento comunicativo não é fundamentalmente diferente do modo como fazemos tudo isso para outros eventos. A única característica diferente dos modelos de contextos é que eles representam a comunicação ou interação verbal. E que, da mesma forma que os modelos mais gerais de experiência ou interação organizam o modo como adaptamos nossas ações à situação social ou ao entorno, os modelos de contexto organizam os modos como nosso discurso é estruturado e adaptado estrategicamente à situação comunicativa global.

Os modelos de contexto têm as propriedades de outros modelos da experiência cotidiana, tais como os descrevemos anteriormente. A saber:

- ficam armazenados na memória episódica;
- são pessoais, únicos e subjetivos;
- baseiam-se em (ou instanciam) conhecimentos socioculturais e outras crenças compartilhadas socialmente;
- podem comportar opiniões e emoções sobre o evento que está ocorrendo ou sobre suas ações e participantes;
- representam eventos (comunicativos) específicos;
- se forem interessantes, podem servir de base a discursos futuros: podemos contar histórias a respeito de nossas experiências comunicativas passadas;
- são dinâmicos e vão sendo continuamente atualizados durante a interação, a fala/escrita, a audição/leitura ou a comunicação;
- controlam a (inter)ação verbal em andamento e a adaptam a seu entorno social;
- são formados ou atualizados por uma interpretação estratégica dos eventos, bem como pela instanciação de conhecimentos gerais, compartilhados socialmente, desses mesmos eventos;
- podem ser base para generalização, abstração e descontextualização na formação de conhecimentos mais gerais sobre discurso

e comunicação; ou seja, podemos aprender com nossas experiências comunicativas;

- são organizados por esquemas e categorias que definem os vários tipos de eventos comunicativos, por exemplo, os gêneros.

Tudo isso são propriedades bastante gerais, mas essas propriedades já explicam muitas coisas que esperamos que os modelos de contextos façam, enquanto avaliações dos modos como os usuários da língua conseguem adaptar seus textos e suas falas aos eventos ou situações comunicativas da vida cotidiana. Assim, nosso conceito de modelo explica, por exemplo, as seguintes propriedades do discurso e da comunicação para as quais não há explicação nas teorias que assumem que o discurso é controlado diretamente pelas situações sociais, como o faz a teoria (sociolinguística) padrão:

- os falantes/escritores e os receptores, por definição, têm modelos diferentes do mesmo evento comunicativo; tais diferenças podem levar a negociações sobre os aspectos compartilhados de seus modelos de contexto, mas também a mal-entendidos e conflitos;
- as informações presentes nos modelos de contexto podem facilmente ser combinadas com as de outros modelos de contextos. Isso permite que eles superem a bem conhecida lacuna que separa a estrutura social, por um lado, e o discurso-interação, por outro. Em outras palavras, os modelos de contextos são a interface entre sociedade, situação e discurso;
- como os modelos de contexto controlam (pelo menos em parte) a produção e compreensão do discurso, e como podem ser combinados com outros modelos mentais, eles também explicam por que o mesmo modelo pessoal de um evento (como uma experiência pessoal ou um evento público) costuma ser expresso por diferentes discursos, em situações sociais diferentes. Tipicamente, esses discursos explicam por que artigos sobre o mesmo evento em jornais diferentes serão sempre diferentes quando escritos por jornalistas diferentes, e que não existe a possibilidade de contar 'a mesma história' duas vezes em circunstâncias diferentes e, no que diz respeito aos jornais, sofrendo pressões diferentes sobre o trabalho de reportagem;
- os modelos de contexto explicam em detalhe os processos de re-contextualização e o modo como os participantes conseguem lidar

modelo
discursos

ativamente com essas mudanças – por exemplo a maneira como eles contam mais tarde, em conversas posteriores, aquilo que leram nos jornais ou viram na TV;

- os modelos de contexto são a base de uma teoria adequada do gênero discursivo, porque muitas propriedades dos diferentes gêneros discursivos se definem não tanto em termos de propriedades verbais do discurso, mas sim em termos contextuais;
- os modelos de contexto nos permitem apresentar uma teoria unificada da experiência e da consciência quotidianas, colocando o Eu-mesmo em várias identidades-por-papel do falante e/ou receptor, nesses modelos;
- os modelos de contexto são a base das teorias do estilo e do registro, isto é, das propriedades situacionalmente variáveis do discurso;
- os modelos de contexto integram as propriedades sociais e cognitivas dos eventos comunicativos, como o papéis dos participantes, por um lado, e as intenções e conhecimentos dos participantes, por outro;
- os modelos de contexto proporcionam uma teoria da relevância que é coerente com o que se faz atualmente em teoria cognitiva;
- os modelos de contexto proporcionam as condições de adequação da ilocução, e portanto são a base de uma teoria dos atos de fala cognitivamente explícita.

gênero

estilo

A partir dessa lista (incompleta) dos tipos de coisas que os modelos de contexto conseguem explicar, podemos concluir que se trata de um conceito teórico muito rico e produtivo. Da mesma forma que o conceito de modelos mentais em geral, a noção periga ser *demasiado* poderosa, por isso é importante formular cuidadosamente seus detalhes, seus condicionamentos, suas estruturas e suas funções. Uma coisa é afirmar que os modelos de contexto controlam muitas propriedades dos discursos, uma das quais é o estilo; outra coisa bem diferente é formular os passos mentais exatos ou os processos pelos quais esse controle é efetivamente realizado.

Especificar os passos de controle exatos do modelo dinâmico e progressivamente atualizado de uma conversação simples pode envolver uma sequência muito longa e complexa de tomadas de decisão locais e estratégias globais, bem como as numerosas interações entre essa dimensão 'pragmática' do discurso e as dimensões semântica e formal.